

Dossiê

Emergência e produtividade de construções morfológicas no *constructicon* da Libras

João Paulo da Silva Nascimento¹ 

Roberto de Freitas Junior² 

Sandra Pereira Bernardo¹ 

Bethânia Mariani

Editora-chefe dos
Estudos de Literatura

Augusto Soares da Silva

Jussara Abraçado

Editores convidados

Disponibilidade de dados e material:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

RESUMO:

Neste artigo, investigamos, a partir de dados de uso, aspectos formais e semânticos envolvidos na composição de sinais multimorfêmicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com o objetivo de discutir as representações cognitivas subjacentes a esses usos e sua organização no *constructicon* da língua. Para tanto, adotamos como principal referencial teórico a Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; 2019; Croft, 2001; Hilpert, 2014), partindo da hipótese de que sinais compostos podem ser compreendidos como pareamentos convencionais de forma e significado, distribuídos em um continuum entre morfologia e sintaxe (Nascimento, 2025b). A fim de testar e refinar essa hipótese, analisamos uma amostra de sinais compostos da Libras, coletados do Spread The Sign Web Dictionary, os quais evidenciam a emergência de esquemas construcionais de natureza nominalizadora. Os dados foram submetidos a uma análise qualiquantitativa, considerando-se a categoria morfológica das bases envolvidas, seu grau de independência distributiva, a ordenação dos constituintes e a estrutura conceptual evocada pelas construções, bem como a atuação da força coercitiva dos esquemas nominalizadores sobre as formas instanciadas. Os resultados indicam que a composição na Libras se organiza a partir de padrões parcialmente esquematizados sensíveis ao uso e à frequência, os quais revelam tanto restrições formais quanto regularidades semântico-conceptuais, contribuindo para a compreensão do *constructicon* da Libras como um sistema dinâmico, gradiente e emergente.

PALAVRAS-CHAVE: Compostos. Libras. Gramática de Construções Baseada no Uso.

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mails: jpn0401@gmail.com, sanpbernardo@gmail.com

²Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br

Recebido em: 10/02/2026

Aceito em: 29/03/2026

Como citar:

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; JUNIOR, Roberto de Freitas; BERNARDO, Sandra Pereira. Emergência e produtividade de construções morfológicas no *constructicon* da Libras. *Gragoatá*, Niterói, v. 31, n. 70, e70598, mai.-ago. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v31i70.70598.pt>

Considerações iniciais

Os sinais compostos desempenham papéis fundamentais nas línguas de sinais (LS), visto que ampliam o repertório lexical da comunicação estabelecida via modalidade visual-espacial. Conforme debatido por Takahira (2012) e Nascimento (2025a, 2025b), esses itens surgem da necessidade de representar conceitos mais complexos, que não são expressos precisamente por um único morfema. Além disso, de acordo com Abreu e Salvador (2020), a composição de sinais resulta em novas unidades de significado que se consolidam ao longo do tempo e refletem a dinamicidade e a capacidade adaptativa das LS.

A literatura vem mostrando que, assim como nas línguas orais-auditivas, nas LS, o fenômeno da composição pode ocorrer por diferentes mecanismos.¹ Por um lado, há o mecanismo da justaposição, por exemplo, quando dois sinais são combinados sem que haja alteração significativa em sua forma original, criando uma nova unidade semântica (Felipe, 2006; Takahira, 2012), como em COMIDA² e JARDIM³ em LGP⁴. Por outro lado, verifica-se a aglutinação, quando há modificações morfológicas envolvendo mudanças na configuração das mãos, na orientação da palma ou na movimentação do sinal, indo além da simples soma de itens individuais, como em LETRAS-LIBRAS⁵ e PROBLEMA-SEU⁶ em Libras. Independentemente do tipo de processo que resulta na composição, como destacam Freitas Jr. *et al.* (2020), a frequência de uso desempenha um papel crucial na fixação desses itens, uma vez que compostos de uso recorrente tendem a se consolidar mais rápido via entrincheiramento.

Para autores como Figueiredo Silva e Sell (2011) e Teixeira (2014), a formação de compostos segue padrões específicos, estabelecidos conforme as regras gramaticais de cada LS. Por se tratar de um fenômeno que possibilita a construção de expressões mais detalhadas e facilita a adaptação de novos conceitos ao léxico existente, a composição, assim, interessa tanto à morfologia quanto à sintaxe. Nesse sentido, mostra-se particularmente relevante a abordagens teóricas que dispõem léxico e sintaxe nas extremidades de um *continuum*, como a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), que vem se consolidando como oportuna aos estudos sobre compostos em LS (Nascimento, 2025a; Nascimento; Freitas Jr., 2023; Freitas Jr. *et al.*, 2020).

Em vista disso, neste artigo, desenvolvemos uma investigação acerca da composição em Libras, partindo de dados de usos efetivos para examinar de que modo se configuram alguns compostos no constructicon dessa LS. Nosso objetivo central, portanto, consiste em compreender em que medida tais padrões composicionais permitem inferir aspectos das representações cognitivas que orientam esses usos. Como arcabouço teórico, adotamos a GCBU (Goldberg, 2006; 2019; Croft, 2001; Hilpert, 2014), a partir da qual assumimos que os sinais compostos podem ser descritos como pareamentos convencionais de forma e significado, situados em um *continuum* entre morfologia e sintaxe, emergentes a partir do uso, ou seja, da experiência com a língua em interface com processos

¹Para uma discussão mais aprofundada sobre processos concatenativos e não-concatenativos em LS, veja a tese de doutorado de Nascimento (2025a).

²Para acessar a realização do sinal, consultar: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/6/9106.mp4>.

³Para acessar a realização do sinal, consultar: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/6/670541.mp4>.

⁴LGP refere-se à “Língua Gestual Portuguesa”. A diferença na nomenclatura entre “Língua Gestual” e “Língua de Sinais” reflete uma característica própria do PE. Enquanto no Brasil e em outros países lusófonos se adota “língua de sinais”, em consonância com o inglês “sign language” e o francês “langue des signes”, em Portugal prevalece “língua gestual”, termo que enfatiza o gesto como unidade central da comunicação visual-espacial. Essa escolha lexical está alinhada com a tendência do PE de empregar formas eruditas de origem latina, em contraste com o PB, que frequentemente privilegia construções mais analíticas e transparentes. Assim, gestual remete diretamente a “gestus”. Ainda assim, o termo gestual na nomeação desta língua não remete à distinção linguística entre gesto e sinal.

⁵Para acessar a realização do sinal, consultar: <https://www.youtube.com/shorts/sl8npWn5E7I?feature=share>.

⁶Para acessar a realização do sinal, consultar: https://www.youtube.com/shorts/7Cn_rQ4LClo?feature=share.

cognitivos de domínio geral. Em suma, essa perspectiva alinha-se à proposta de Nascimento (2025a), segundo a qual a composição em LS não se reduz a um processo estritamente morfológico, mas envolve esquemas construcionais gradientes, sensíveis à frequência e à recorrência no uso.

Com vistas a explorar empiricamente essa hipótese, analisamos um conjunto de sinais compostos que designam profissões da área da saúde, observando como tais formações evidenciam a emergência de esquemas nominalizadores produtivos em Libras. Nesse sentido, buscamos responder aqui às seguintes questões hipotéticas: (i) quais estratégias composicionais são mobilizadas na Libras para a conceptualização das categorias profissionais?; (ii) que tipos de bases morfológicas são privilegiados nesses sinais compostos e em que medida tais escolhas revelam regularidades internas à língua?; (iii) em que medida esses padrões composicionais podem ser descritos como instâncias de construções morfológicas mais esquemáticas no *constructicon* da Libras, compartilhadas cognitivamente pelos usuários da língua?

Para responder a essas questões de modo organizado, o artigo estrutura-se em três seções, além destas considerações iniciais e das considerações finais. A seguir, discutimos o referencial teórico da GCBU, destacando sua produtividade analítica para o estudo das LS. Na seção subsequente, apresentamos o percurso metodológico adotado nesta pesquisa. Por fim, dedicamo-nos à exposição e à discussão dos resultados obtidos, apresentando proposta de generalização por meio da ideia de rede construcional.

A GCBU e a descrição de LS

A relação entre forma e função sempre esteve no cerne da ciência linguística desde seus primórdios (Dillinger, 1991). Neste debate, a GC surge como uma tentativa de relacionar, de modo mais equilibrado, esses dois polos.⁷ Recorrendo a Pinheiro (2025), podemos situar a GC, de modo amplo, como um modelo de representação do conhecimento linguístico do falante, para o qual: (i) a totalidade desse conhecimento pode ser descrita em termos de pareamentos convencionais de forma e significado (construções); (ii) as construções são conectadas umas às outras, formando um inventário de signos, estruturado na mente dos falantes; e (iii) não há necessidade de um mecanismo derivacional para explicar a criatividade linguística.⁸

Quando verificados, esses três princípios, de modo geral, são responsáveis por definirem qualquer abordagem linguística como construcional. O primeiro deles traz à tona dois conceitos imprescindíveis: o de construção, propriamente, e o de gramática, aqui assumida enquanto rede conexional de construções. Construções podem ser caracterizadas como pareamentos convencionais de forma e sentido, unidades linguísticas que podem variar em tamanho, especificidade fonológica e tipo de conteúdo. Neste modelo, construções são assumidas

⁷ Para uma história do surgimento da GC, recomendamos a leitura de Pinheiro e Alonso (2018).

⁸ Aqui estamos nos referindo à GC, em termos amplos. Mais à frente, ainda nesta seção, especificaremos esses princípios para a vertente baseada no uso.

como unidades básicas da gramática de qualquer língua, independente da modalidade.

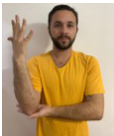
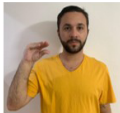
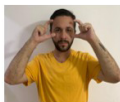
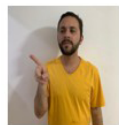
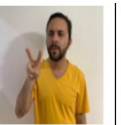
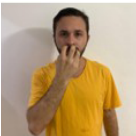
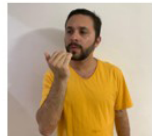
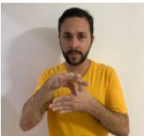
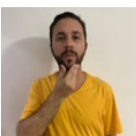
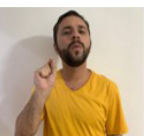
Com efeito, as estruturas linguísticas, dos níveis mais baixos aos mais altos de abstração e complexidade, contam com um polo de forma, em que se verificam as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e outro de significado, em que se verificam as propriedades não apenas semânticas, como também pragmáticas e discursivas. Em outras palavras, o conceito de construção gramatical, que pode ser especificado como qualquer padrão linguístico que amalgama forma a sentido, por convencionalização, expõe potencial para descrever a totalidade do conhecimento linguístico do falante.

A essa noção de construção, bem como a esse esforço de descrever a totalidade do conhecimento linguístico sob essa perspectiva, percebemos a visão de gramática como um léxico expandido, em que se agrupam construções em um *continuum* de estruturas mais ou menos gramaticais/lexicais, o qual chamamos de *construction*. Mostramos, no quadro 1 a seguir, essa ideia a partir de exemplares da Libras.

Esses dados demonstram que o *continuum* léxico-sintaxe, característico das abordagens construcionais da gramática, assim como nas línguas orais, é uma hipótese viável em LS, tendo em vista a possibilidade de contemplar diferentes tipos de construções que vão do nível atômico (itens lexicais monomorfêmicos) ao mais esquemático (itens lexicais polimorfêmicos e padrões semipreenchidos e abertos), como vêm debatendo Freitas Jr. *et al.* (2020) e Diniz (2022). Além disso, um aspecto importante dessa proposta é a ideia de que o *constructicon* armazena-se em formato de rede conexcionista, como dito acima, em que diferentes construções se relacionam vertical e horizontalmente, numa perspectiva robusta.

Neste formato de rede associativa, entendemos a gramática como um componente mental, cuja configuração – seja ela taxonômica, horizontal ou outras –, motivação e regularidade se dão por fatores estruturais, cognitivos e, para as perspectivas centradas no uso, também sociocomunicativos. Essa representação nos leva ao segundo princípio, o qual nos ajuda a compreender a arquitetura estruturada da rede construcional. As conexões que as construções estabelecem umas com as outras, nesta perspectiva conexcionista, ordenam-se de maneira organizada, em uma dinâmica em que percebemos, entre outras, relações hierárquicas subvencionadas, principalmente, pelos processos cognitivos de analogia e categorização (Bybee, 2010). Construções maiores, de maior nível de generalização, operam como categorias, ao passo que construções menores, mais subespecificadas, como exemplares de esquemas maiores, conforme ilustramos na figura 1 a seguir a partir de uma proposta de rede para sinais compostos em Libras verificada em Nascimento e Freitas Jr. (2023, p. 371).

Quadro 1 – *Continuum* léxico-sintaxe em Libras.

Tipo de construção	Exemplo ⁹
Sinal (palavra)	 Sinal de ÁRVORE
Expressão fixa	  Sinal de BOA-NOITE   Expressão idiomática OUVIDOS-SAIR {“melhor ignorar”}.
Esquema morfológico	  Sinal de OFTALMOLOGISTA [Padrão MÉDICO + N]
Esquema sintático semipreenchido	    Padrão interrogativo com foco duplicado [QU- + V + QU’-] Sentença: QUEM ELE VIU QUEM?
Esquema sintático aberto	   Padrão SVO Sentença: CACHORRO COMER CARNE
Padrão prosódico (Expressão não manual distintiva) ¹⁰	   Sentença: O HOMEM COMPROU O QUÊ?

⁹ As imagens são autorais e foram produzidas especialmente para esta pesquisa.

¹⁰ Em LS, como a Libras, as expressões não manuais (ENMs), envolvendo movimentos de sobrancelhas, olhos, cabeça, tronco e padrões de tensão facial, desempenham funções gramaticais sistemáticas que se aproximam, em termos funcionais, da prosódia em línguas orais-auditivas. Assim como a prosódia vocal organiza e modula a estrutura sintático-discursiva por meio de recursos como entoação, acento e ritmo, as ENMs operam como mecanismos suprasegmentais responsáveis por marcar categorias gramaticais (e.g., interrogatividade, topicalização, foco e negação), delimitar constituintes sintáticos e codificar valores pragmático-discursivos. Nesse sentido, ambas atuam em um nível que transcende o segmento lexical estrito, estruturando a interpretação global do enunciado e contribuindo para o *construal* do evento linguístico, o que autoriza sua equiparação funcional e gramatical, ainda que se realizem em modalidades distintas.

Fonte: Nascimento (2025a, p. 116-118).

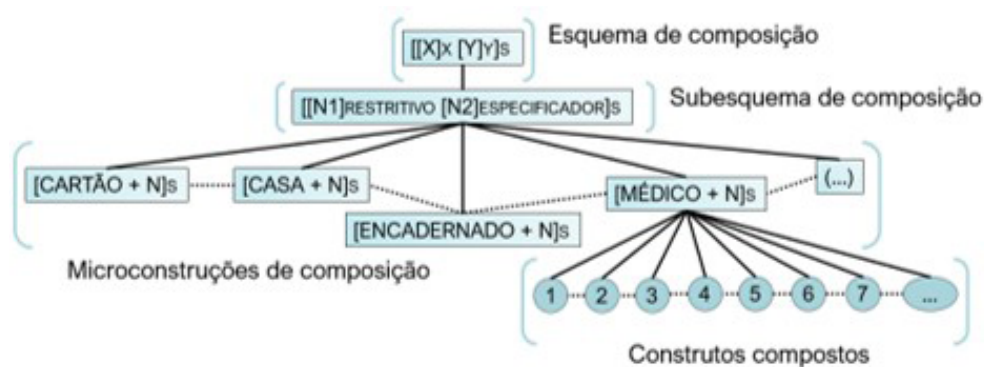


Figura 1 – Exemplo de hierarquia construcional.

Fonte: adaptada de Nascimento e Freitas Jr. (2023, p. 371).

Na representação, observa-se uma relação taxonômica e estrutural entre categorias mais e menos abstratas, a qual se define por graus de generalização (Freitas Jr. *et al.*, 2022). Essa proposta de divisão que apresentamos é baseada em Traugott e Trousdale (2013) e, portanto, está no cerne das abordagens baseadas no uso de GC.¹¹ Trata-se de uma representação em rede construcional para os sinais compostos em Libras do tipo $[N1 + N2]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$. É possível relacionar essa hierarquia a propriedades essenciais à estruturação da rede, entre elas a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013).

No nível mais alto, situamos o esquema totalmente abstrato, formalmente captado pela notação $[[X]_X[Y]_Y]_{S[ESPECIFICAÇÃO DE XY]}$ cujos *slots* indicam uma construção que, independentemente da etiquetagem lexical de seus constituintes $[X]$ e $[Y]$, sempre resultará em um produto de natureza substantiva (S), semanticamente caracterizado pela especificação de $[X]$. Trata-se de uma virtualidade, uma abstração, com grau elevado de esquematicidade. Abaixo, no nível do subesquema, apesar de alto grau de genericidade, notamos uma especificação produtiva do esquema mais geral, em que já percebemos determinadas nuances próprias deste tipo de composição, ou seja, o fato de o primeiro item possuir caráter restritivo e o segundo, especificador. Enfim, no nível da microconstrução, visualizamos preenchimentos fixos dos *slots* de N1 pelos itens CARTÃO, CASA, ENCADERNADO e MÉDICO, os quais restringem exemplares desta construção e licenciam construtos no nível mais elementar, isto é, no uso.

Vale ressaltar que essa representação pode ser estendida considerando as relações dinâmicas das interações formais e semânticas na rede. Em outras palavras, enquanto um modelo robusto de representação do conhecimento linguístico, a rede construcional admite a ideia de formação de *links* verticais e horizontais que expandem as possibilidades de descrição, refinando-as em termos de relações morfossintáticas e semântico-pragmáticas de *status* representativo (Diessel, 2015). Um bom exemplo para entendermos essa proposta é verificado em Diniz (2022, p. 28), que especifica ainda mais a descrição da microconstrução $[PAPEL + N]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$ em Libras, conforme visualizamos na figura 2 a seguir.

¹¹ De acordo com Pinheiro, Silva e Freitas Jr. (2023), todas as abordagens construcionais concordam que haja, pelo menos, *links* taxonômicos. No entanto, os outros tipos de *links* não são consensuais. Aqui nos valemos da proposta de Traugott e Trousdale (2013), posta nossa adesão pelo modelo cognitivo-funcional de GC.

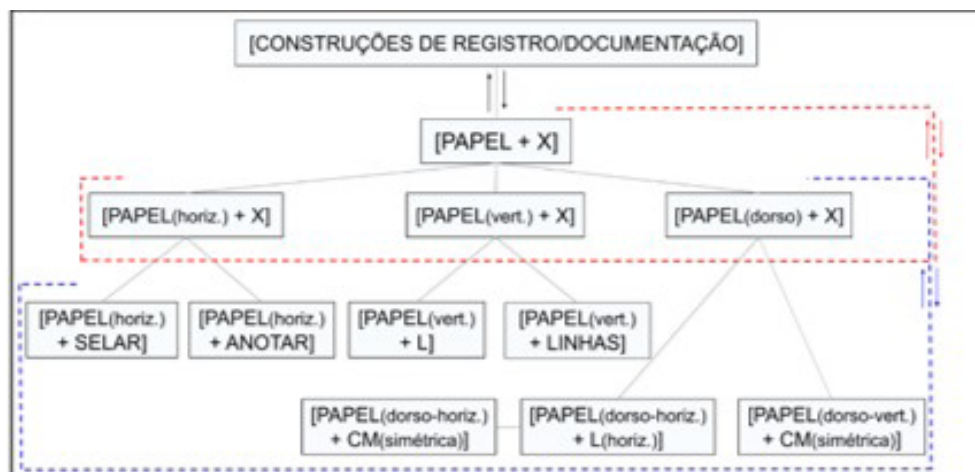


Figura 2 – Taxonomia de construções de registro/documentação.

Fonte: Diniz (2022, p. 28).

A proposta de Diniz (2022) demonstra não apenas a viabilidade de se considerar a hipótese de que padrões de composição do tipo $[N1 + N2]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$ podem ser considerados construções em Libras, como também lança luz à produtividade formal estreitamente relacionada aos aspectos semântico-pragmáticos. Na rede acima, que pode ser entendida como uma parte da rede de Nascimento e Freitas Jr. (2023), Diniz (2022) sinaliza possibilidades de expansão de sentidos do padrão $[PAPEL + N]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$, atrelando esta observação à noção de *link* de subparte, representada na figura pelos tracejados.

Para o autor, a construção em questão apresenta um *slot* fixo associado às noções de suporte, registro e impressão, sendo o morfema $[PAPEL]$ ¹² sensível a variações na orientação da palma, o que resulta em construções distintas. O esquema geral $[PAPEL + X]$ desdobra-se em microconstruções, como $[PAPEL(horiz.) + X]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$, $[PAPEL(vert.) + X]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$ e $[PAPEL(dorso) + X]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$. No subesquema $[PAPEL(dorso) + X]_{N[ESPECIFICAÇÃO]}$, observa-se um deslocamento de uma leitura mais gramatical para uma representação de caráter procedural. Nesses casos, embora persistam traços semânticos relacionados a registro e documentação, eles passam a remeter a “papéis sociais”, e não mais a um suporte material. Além disso, também consoante Diniz (2022), construções que diferem apenas quanto à configuração de mão estabelecem entre si uma relação de subparte, e não de herança.

Em vista destes exemplos, podemos compreender a procedência do segundo princípio a respeito do *constructicon* como um inventário estruturado. O modelo da GC, de modo geral, trabalha com a ideia de hierarquia e de relações taxonômicas e horizontais, no sentido de colocar no centro da organização do sistema linguístico processos cognitivos operacionais, responsáveis pela categorização e renovação da rede, na medida em que novas experiências com a linguagem se consolidam.

¹² Para acessar a realização do sinal, consultar: https://youtube.com/shorts/M0Ldi7qJgHE?si=i_GFMAbsUN-epV-N.

Essa proposta de organização hierárquica e emergentista nos conduz à discussão sobre a inovação e renovação linguísticas.

Referindo-se a esse debate, o terceiro princípio lança luz sobre o modo como a GC concebe a criatividade linguística sem recorrer a uma separação entre léxico e sintaxe, uma vez que a formação de expressões complexas decorre da combinação de construções previamente disponíveis na língua. Nesse sentido, o Princípio de Unificação (Fillmore, 1988; Goldberg, 1995) descreve um mecanismo de processamento pelo qual construções competem entre si e se integram localmente, desde que apresentem compatibilidade morfossintática e semântica. Tal unificação não deve ser entendida como responsável direta pela emergência de novas construções, mas como um princípio que regula a combinação produtiva de unidades já convencionais, permitindo a formação de blocos de sentido de diferentes graus de complexidade no uso efetivo da língua.

As construções, portanto, organizam-se dinamicamente no discurso a partir desses processos de unificação, sendo a gramaticalidade verificada localmente nos arranjos específicos entre elementos e esquemas construcionais. A padronização do sistema linguístico resulta, assim, das regularidades estatísticas que emergem do uso recorrente dessas combinações, e não da aplicação de regras universais abstratas ou de transformações sintáticas. É nesse ponto que se estabelece uma articulação entre o Princípio de Unificação e a inovação linguística: combinações altamente frequentes podem ser progressivamente “chunkeadas”, dando origem a unidades mais integradas e esquematizadas. Desse modo, a criatividade, na perspectiva da GC, emerge fundamentalmente de processos de uso, frequência e categorização, sendo o *chunking* o motor central da formação de construções.

Para a pertinência desta pesquisa, nos embasamos em um modelo baseado no uso da GC, o qual chamamos concisamente de GCBU, uma sumarização das proposições da Gramática de Construções Radical (Croft, 2001) e da Gramática Cognitiva (Goldberg, 1995; 2006). Aqui, além dos três princípios citados, os processos envolvidos na cognição geral e as experiências concretas de falantes com a língua afetam e estruturam o conhecimento linguístico subjacente.

Segundo essa abordagem, o *constructicon* emerge da frequência de padrões linguísticos na interação. Construções mais recorrentes tendem a se consolidar com maior força na mente dos falantes, enquanto construções menos frequentes permanecem mais frágeis ou sujeitas a menores graus de saliência cognitiva. Tal regularidade permite que os usuários da língua reconheçam, manipulem e até criem novas construções com base em modelos previamente conhecidos e nos processos cognitivos de domínio geral. Assim, o uso linguístico desempenha uma função constitutiva, sendo ao mesmo tempo causa e consequência da organização gramatical em rede.

Um aspecto importante da GCBU é a explicação do *constructicon* com base em habilidades cognitivas gerais, e não exclusivamente

linguísticas. Isso significa que processos como categorização, analogia, memória associativa e aprendizagem por esquemas são mobilizados para explicar como os falantes adquirem, armazenam e utilizam construções. Dessa forma, a gramática deixa de ser entendida como um módulo cognitivo isolado, passando a ser vista como uma manifestação particular de capacidades cognitivas amplas, compartilhadas com outras atividades humanas. Entre os processos cognitivos de domínio geral destacados por Bybee (2010), a categorização tem papel fundamental e preponderante, dado ser um processo que permite aos falantes agrupar experiências linguísticas similares em categorias significativas, o que facilita a generalização e a emergência de padrões.

Ademais, outros processos centrais à GCBU são a analogia e a memória. A analogia permite aos falantes aplicar padrões previamente aprendidos a novas situações, pois funciona como uma ponte entre construções já estabelecidas e expressões novas e viabiliza a produtividade sem a necessidade de regras explícitas. Para a GCBU, essa habilidade cognitiva é essencial para compreender como a criatividade se manifesta: a partir de padrões familiares, é possível formar novas combinações que mantêm coerência com o sistema linguístico. Já a memória associativa/enriquecida tem papel determinante para o armazenamento de construções complexas e frequentes, dado que, nesse modelo, a memória é sensível à frequência e ao contexto de uso: construções que ocorrem juntas com frequência tendem a formar associações fortes, levando à formação de unidades maiores e mais automatizadas de processamento por meio de *chunking*.

Em outras palavras, a emergência do *constructicon*, na perspectiva da GCBU, pode ser interpretada como resultado da interação entre a experiência linguística e mecanismos cognitivos gerais. Por isso, o modelo, ao reconhecer a natureza emergente do *constructicon*, amplia também a compreensão sobre a flexibilidade e a adaptabilidade das línguas naturais, apontadas como sistemas dinâmicos e complexos (Bybee, 2010). Nesse contexto, a frequência de uso emerge como um fator determinante para a aquisição e o armazenamento de conhecimento linguístico, pois ela contribui significativamente para o fortalecimento das representações conceituais.

Conforme argumentam Diessel e Hilpert (2016), construções que ocorrem com alta frequência tendem a se fixar mais fortemente na memória dos falantes, tornando-se mais acessíveis durante o processamento. A repetição constante de padrões nos atos ilocutórios reforça os vínculos entre forma e significado e cria uma base sólida para a emergência de esquemas gramaticais recorrentes: o contato contínuo com *tokens* específicos propicia a formação de esquemas abstratos e categorias linguísticas, pois os falantes são capazes de abstrair regularidades e construir representações cognitivas que orientam a produção e a interpretação de novos enunciados. Além de facilitar o armazenamento, a frequência de uso também otimiza os processos cognitivos de domínio

geral aplicados à linguagem, tendo em vista que, para Diessel e Hilpert (2016), estruturas recorrentes exigem menor esforço para serem ativadas.

A concepção de que saber uma língua significa ter acesso a um inventário mental de construções linguísticas tem sido amplamente defendida pela GCBU. Nessa perspectiva, a competência de um falante refere-se à estocagem mental de um repertório estruturado de construções. Do ponto de vista cognitivo, essa estocagem em rede permite que os falantes acessem e combinem construções conforme a necessidade comunicativa. Isso significa que falar/sinalizar uma língua é saber *usar* essas construções em tempo real, ativando padrões já conhecidos ou adaptando esquemas a situações novas. Logo, na GCBU, o armazenamento de conhecimento linguístico não é episódico ou pontual, mas emergente, cumulativo e estruturado, na medida em que reflete os padrões de uso da língua ao longo do tempo.

Diante desses aspectos, consideramos que a GCBU oferece um arcabouço teórico especialmente promissor também no contexto das LS, cujas gramáticas são historicamente subdescritas e frequentemente marcadas por estratégias multimodais. Tais premissas teóricas nos parecem permitir captar nuances da estruturação simbólica das LS, que modelos mais formalistas tenderiam a ignorar ou forçar a encaixes artificiais. Assim, nos valem da GCBU para explicar como sinais compostos se formam, se convencionalizam e se diversificam em diferentes comunidades linguísticas que utilizam LS.

Conforme o previsível, a partir de um levantamento bibliográfico, percebemos que a composição em perspectiva construcional vem sendo mais bem explorada pelas análises em línguas orais-auditivas. Há uma lacuna considerável quando se trata da análise de aspectos morfológicos das LS sob a ótica construcional, um campo de estudo que conta com um número relativamente limitado de pesquisas. Apesar disso, alguns trabalhos – ainda raros e recentes – têm se dedicado à análise da morfologia das LS, em especial dos processos composicionais, à luz da GCBU (ver Lepic; Occhino, 2018; Freitas Jr. *et al.*, 2020; Wilkinson; Lepic; Hou, 2023; Nascimento; Freitas Jr., 2023; Nascimento, 2025a; 2025b).

É nesse conjunto de investigações que nos inserimos, somando-nos a esse compromisso teórico-descritivo ao buscar ampliar a compreensão dos padrões construcionais emergentes nas LS a partir de dados empíricos. Considerando que a GCBU privilegia a observação de padrões emergentes, a frequência de uso e as relações entre forma e sentido em rede, as escolhas metodológicas deste estudo foram orientadas pela necessidade de capturar tais regularidades em ocorrências da Libras, conforme detalhamos na seção a seguir.

Aspectos metodológicos

Neste estudo, adotamos uma abordagem de natureza qualiquantitativa, de caráter descritivo-analítico, voltada à análise de

sinais compostos da Libras que designam profissões da área da saúde. A escolha por esse delineamento metodológico justifica-se pela necessidade de articular, de modo integrado, a descrição das propriedades formais e funcionais dos sinais analisados com a identificação de padrões recorrentes que possibilitem generalizações. Assim, partimos do pressuposto de que a composição em LS constitui um fenômeno sensível ao uso e à conceptualização, razão pela qual a análise privilegia tanto aspectos estruturais quanto semânticos dos compostos, sem dissociá-los das condições de emergência e convencionalização dessas unidades.

Nosso *corpus* é constituído por sinais compostos coletados do *SpreadTheSign*¹³. Enquanto uma ação de documentação e preservação linguísticas do European Sign Language Center¹⁴, da Universidade de Örebro (Suécia), o *SpreadTheSign Web Dictionary* caracteriza-se como um instrumento multilíngue que privilegia a modalidade visual-espacial e oferece registros fiéis dos dados já documentados. A escolha dessa base como fonte de dados deve-se à possibilidade de acesso sistemático a registros em vídeo, ainda que se reconheçam as limitações inerentes ao uso de dados lexicográficos para estudos baseados no uso da língua. Além disso, o repositório conta com uma rede colaborativa formada por linguistas e consultores nativos de diferentes países, contemplando um catálogo de 44 LS, 25.688 palavras, 1.066.097 traduções, 624.606 vídeos e 16.679 locais de uso dos sinais.¹⁵

Na seleção dos dados, consideramos exclusivamente sinais disponíveis para a Libras. Foram incluídos apenas sinais que apresentassem estrutura composta identificável, entendida aqui como a combinação de duas ou mais bases lexicalmente reconhecíveis, realizadas de forma sequencial ou articuladas no espaço sinalizado (ver Nascimento, 2025a). Sinais simples, formas exclusivamente datilológicas ou itens cuja estrutura composicional não pudesse ser claramente descrita a partir dos vídeos disponíveis foram excluídos do *corpus*.

A coleta dos dados foi realizada por meio da identificação manual dos sinais correspondentes aos conceitos selecionados, seguida do registro dos vídeos para análise detalhada. Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas, nas quais sistematizamos informações relativas às glosas das bases constituintes, à descrição dos parâmetros formais relevantes, à ordem e ao modo de combinação das bases e a observações sobre possíveis variações formais.

Esse procedimento permitiu tanto a descrição qualitativa de cada sinal quanto o levantamento de frequências relativas de determinados padrões composicionais, contribuindo para a dimensão quantitativa da análise. Chegamos, assim, a uma amostra formada por 20 dados de sinais compostos de profissões da área da saúde atestados na sincronia atual da Libras e correspondentes às seguintes categorias (Quadro 2):

¹³ Para acessar a base: <https://spreadthesign.com/pt.br/search/>.

¹⁴ Fundado em 2006 por Thomas Lydell e Dennis Lennartsson, o centro colabora com parceiros internacionais para documentar e disponibilizar recursos educativos relacionados às LS.

¹⁵ Números referentes ao momento de produção desta pesquisa.

Quadro 2 – Amostra.

DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA
ANESTESISTA		PSQUIATRA	
CIRURGIÃO		PSICÓLOG@	
CLÍNICA		FARMACÊUTICA	
MÉDICO DA FAMÍLIA		FISIOTERAPEUTA	
OFTALMOLOGISTA		ENFERMEIRO	
OCULISTA		PODÓLOGO	
ORTOPEDISTA		SOCORRISTA	
GINECOLOGISTA		RADIOLOGISTA	
OBSTETRA		PARTEIRA	
PEDIATRA		AUDIOLOGISTA	

Fonte: produção própria.

A análise dos sinais compostos baseou-se em dois critérios centrais previamente definidos. O primeiro consistiu na descrição das bases constituintes em termos de forma e função, buscando identificar se essas bases correspondem a sinais lexicalmente independentes em outros contextos de uso ou a outras categorias (e.g. classificadores¹⁶) e qual o papel que desempenham na construção do significado do composto. Nessa etapa, considerou-se de que modo cada base contribui para a conceptualização da profissão designada, seja por meio da referência ao agente, ao domínio de atuação, a instrumentos, a práticas recorrentes ou a outras dimensões semanticamente salientes. O segundo critério concentrou-se na análise do significado global do composto, entendido como uma unidade simbólica convencionalizada, cuja interpretação não se reduz à soma linear dos significados das bases. Investigou-se, assim, o grau de transparência semântica dos compostos, bem como os processos cognitivos envolvidos na emergência do significado global.

¹⁶ Em LS, os chamados classificadores (CL) constituem recursos morfossintáticos e semântico-discursivos altamente produtivos, responsáveis por codificar propriedades relevantes de entidades e eventos, tais como forma, tamanho, orientação, consistência, animacidade e modo de movimento. Diferentemente de itens lexicais plenos, os CL operam como esquemas abstratos que se instanciam dinamicamente no discurso. Do ponto de vista gramatical, esses elementos permitem a representação icônica e esquemática de relações espaciais e eventivas, integrando informação lexical, morfológica e sintática em uma única unidade construcional. Assim, os CL não devem ser compreendidos como gestos livres ou meramente miméticos, mas como componentes gramaticais sistematizados, cuja função é estruturar a referência e a predicação no enunciado, desempenhando papel central na organização gramatical e discursiva das LS.

À luz do percurso metodológico delineado, partimos da hipótese de que as construções morfológicas de composição observadas na Libras não constituem meras combinações ocasionais de bases lexicais, mas instâncias recorrentes de pareamentos forma-significado sensíveis ao uso, cuja organização reflete processos de esquematização no *constructicon* da língua. Sob a perspectiva baseada no uso, como visto, assumimos que a recorrência desses padrões, associada à relativa estabilidade formal e semântica das construções analisadas, fornece evidências empíricas para a emergência de esquemas morfológicos produtivos, os quais operam como generalizações cognitivas abstraídas a partir de experiências linguísticas concretas. Nesse sentido, a produtividade da composição em Libras é compreendida não como um traço categórico, mas como um fenômeno gradiente, ancorado na frequência, na analogia e na força coercitiva das construções.

Com base nessa hipótese, a análise dos dados buscou identificar regularidades capazes de revelar o grau de esquematização e a produtividade dos padrões composicionais instanciados na amostra investigada. Na seção a seguir, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir da análise qualiquantitativa dos sinais compostos da Libras, destacando os esquemas, subesquemas e as microconstruções identificados. Ao fazê-lo, pretendemos evidenciar como a composição morfológica participa ativamente da dinâmica emergente do sistema linguístico da Libras, oferecendo subsídios empíricos para uma descrição construcional de sua morfologia.

Resultados e discussões

Esta seção apresenta e discute os resultados da análise dos sinais compostos da Libras que designam profissões da área da saúde, com foco na identificação de padrões composicionais recorrentes e de suas implicações descritivas e cognitivas. A partir dos critérios metodológicos previamente estabelecidos e anunciados, os dados foram examinados de modo a evidenciar regularidades na seleção das bases constituintes, nos modos de combinação formal e na construção do significado global dos compostos. Nos parágrafos subsequentes, esses padrões são apresentados e discutidos à luz dos dados empíricos e do referencial teórico da GCBU.

Com base na análise qualiquantitativa, foi possível identificar dois esquemas construcionais responsáveis pela organização dos nomes de profissões da área da saúde: um com três *slots* e outro com dois *slots*. Esses esquemas diferenciam-se tanto em termos estruturais quanto em termos de produtividade, permitindo observar graus distintos de convencionalização no léxico da língua.

O primeiro corresponde ao esquema com três *slots*, [X + Y + Z]_{N[PROFISSÃO]}, que se mostrou pouco expressivo no conjunto dos dados analisados (5% do total da amostra). Esse esquema encontra-se subespecificado pelo padrão [N + CL + ADJ]_{N[ESPECIALISTA]}, ao qual se associa

a possível microconstrução [TÉCNICO + CL de veículo + RÁPIDO]_{N[ESPECIALISTA]} responsável por licenciar o construto SOCORRISTA. De acordo com Nascimento (2025a), diferente do verificado em outras LS, como a ASL, a presença isolada dessa configuração indica que, embora estruturalmente possível no sistema da Libras, tal esquema pode ainda não apresentar alto grau de produtividade ou de entrincheiramento no domínio das profissões da saúde, funcionando, antes, como uma alternativa morfológica marginal quando comparada a outras estratégias composicionais mais recorrentes.

Em contraste com esse comportamento, o esquema de dois *slots* [X + Y]_{N[PROFISSÃO]} revelou-se claramente dominante na amostra da Libras, sendo responsável por 95% dos dados. Essa expressiva frequência aponta para o papel central desse esquema na formação de sinais compostos denominativos de profissão em Libras, algo observado em Freitas Jr. *et al.* (2020), Nascimento e Freitas Jr. (2023) e em Nascimento (2025a). No interior desse esquema, observa-se ainda a predominância inequívoca do subesquema [N + N]_{N[ESPECIALISTA]} que responde a 84,2% das instanciações do esquema.

Tal subesquema abriga três microconstruções específicas, cujas frequências internas também evidenciam diferentes graus de produtividade: a microconstrução [MÉDICO + S (área)]_{N[ESPECIALISTA]} correspondendo a 56,25% dos casos de [N + N]; a microconstrução [MÉDICO + Sinal Soletrado (área)]_{N[ESPECIALISTA]} representando 6,25%; e a microconstrução [PROFISSIONAL/TÉCNICO + S (área)]_{N[ESPECIALISTA]} contabilizando 37,5% desse subconjunto. Para fins de exemplificação, exibimos os construtos no quadro 3 a seguir.

Esses dados evidenciam um padrão semântico recorrente e altamente estável, no qual o primeiro nome (N1) desempenha uma função semanticamente generalista, associada à categoria profissional mais ampla, enquanto o segundo elemento (N2), apesar de apresentar variabilidade formal, podendo ser realizado como um substantivo pleno ou como um sinal soletrado, assume uma função semanticamente mais restritiva, especificando a área de atuação e refinando a interpretação categorial do composto. Tal configuração vem sendo reiteradamente descrita em estudos anteriores sobre a composição lexical analisada em perspectiva construcional, nos quais se observa a recorrência de relações simétricas entre os constituintes, com distribuição funcional diferenciada entre uma base categorial mais esquemática e um elemento especificador responsável pelo recorte semântico mais fino do construto resultante (Freitas Jr. *et al.*, 2020; Nascimento; Freitas Jr, 2023; Nascimento, 2025a).

Além do subesquema [N + N]_{N[ESPECIALISTA]} também se observou a produtividade do subesquema [N + CL]_{N[ESPECIALISTA]} ainda que em menor escala. Esse padrão foi responsável por 15,8% dos dados referentes ao esquema com dois *slots*. No âmbito deste subesquema, identificaram-se duas microconstruções: [MÉDICO + CL de área]_{N[ESPECIALISTA]} e [PROFISSIONAL + CL de área]_{N[ESPECIALISTA]} com 66,7% e 33,3% de expressão, respectivamente. Os exemplos podem ser consultados a seguir (Quadro 4).

Quadro 3 – Microconstruções de $[N + N]_{N[ESPECIALISTA]^*}$

$[MÉDICO + S(ÁREA)]N_{[ESPECIALISTA]}$					
DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA
Clínico		Oculista		Obstetra	
Médico da família		Ortopedista		Pediatra	
Oftalmologista		Ginecologista		Psiquiatra	
$[PROFISSIONAL/TÉCNICO + S(ÁREA)]N_{[ESPECIALISTA]}$					
DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA
Fisioterapeuta		Psicólog@		Radiologista	
Enfermeir@		Audiologista		Farmacêutic@	
$[MÉDICO + Sinal Soletando(ÁREA)]N_{[ESPECIALISTA]}$					
Podólogo					

Fonte: produção própria.

Quadro 4 – Microconstruções com classificadores.

[N + CL]N _[ESPECIALISTA]					
[MÉDICO + CL de ação] N _[ESPECIALISTA]		[MULHER + CL de ação] N _[ESPECIALISTA]		[MÉDICO + CL de instrumento] N _[ESPECIALISTA]	
DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA	DADO	OCORRÊNCIA
Cirurgião		Parteira		Anestesista	

Fonte: produção própria.

Mais uma vez, verifica-se a mesma lógica semântica identificada no subesquema [N + N]_{N[ESPECIALISTA]} na qual o elemento inicial atua como base semanticamente generalista, ao passo que o classificador (CL) desempenha um papel restritivo, indexando o domínio específico de especialização profissional. Um aspecto particularmente relevante nesse conjunto diz respeito à ausência de transparência composicional, conforme se percebe no construto PARTEIRA, associado à segunda microconstrução. Nesse caso, o item MULHER, que ocupa a posição de N1, apresenta-se semanticamente desbotado, de modo que o significado global do sinal não resulta da soma direta dos significados de seus constituintes, mas emerge do padrão construcional como um todo.

Além disso, a análise das microconstruções associadas ao esquema composicional de dois *slots* evidencia que a produtividade do segundo item nominal – seja ele realizado como sinal lexical pleno, sinal soletrado ou classificador – não pode ser explicada apenas em termos de combinações formais pontuais. Ao contrário, tal produtividade parece estar diretamente relacionada ao modo como essas construções são armazenadas e acessadas na memória linguística dos usuários da Libras, em consonância com a noção de memória enriquecida postulada pelos modelos baseados no uso (Bybee, 2010). Nessa perspectiva, as instâncias recorrentes do esquema nominalizador contribuem para o fortalecimento de representações cognitivas que preservam tanto informações formais quanto semânticas, permitindo que o segundo *slot* se mantenha aberto à variabilidade categorial sem comprometer a interpretabilidade da construção como um todo.

Essa abertura do segundo *slot*, por sua vez, constitui um indício relevante da produtividade do esquema nominalizador subjacente, na medida em que revela a capacidade da construção de licenciar novas instanciações a partir de generalizações abstraídas do uso. A possibilidade de preenchimento do *slot* final por diferentes tipos de unidades sugere que a coerção exercida pelo esquema opera em nível construcional, orientando a integração dos constituintes mais do que impondo restrições morfológicas. Desse modo, a produtividade observada não decorre da combinatoriedade livre, mas da consolidação de um padrão esquemático

suficientemente robusto no *constructicon* da Libras, cuja emergência se ancora na frequência, na analogia e na experiência linguística acumulada dos falantes-sinalizantes.

De maneira geral, esses resultados apontam para a centralidade do esquema com dois *slots* na organização morfológica dos sinais compostos de profissão em Libras, bem como para a recorrência de um alinhamento semântico consistente entre as bases recrutadas, independentemente das possibilidades categoriais (S, SS, CL). A análise evidencia, assim, a atuação de princípios construcionais estáveis na formação desses compostos, como a opacidade semântica das partes. Com base nessas ponderações, propomos uma representação em rede como forma de visualizar a organização das construções lexicais, enfatizando uma possibilidade de arquitetura construcional e evidenciando como diferentes padrões podem emergir do uso de sinais compostos e se consolidar gradualmente como unidades linguísticas convencionais, de *status* representativo (ver Figura 3).

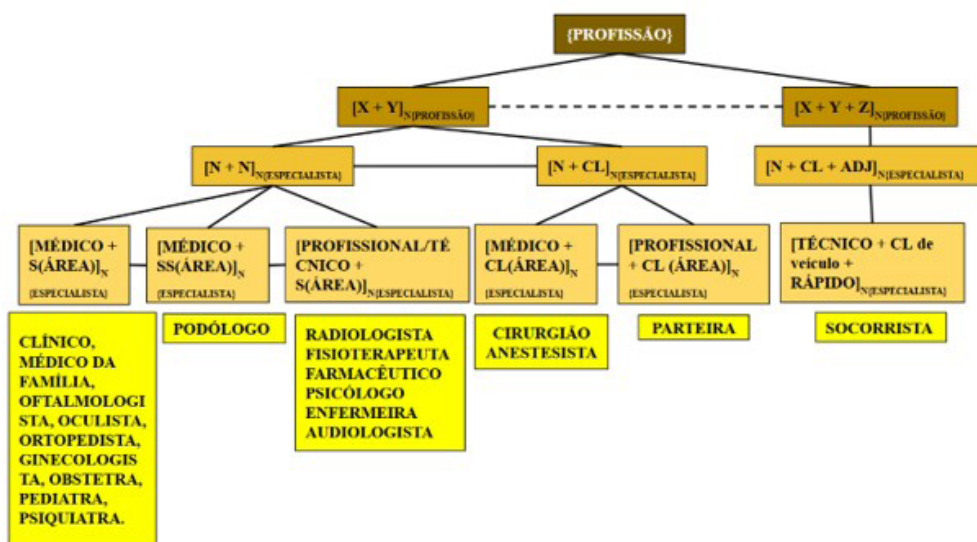


Figura 3 – Proposta de rede construcional para os compostos.

Fonte: produção própria.

O diagrama apresentado ilustra uma proposta de rede construcional no domínio das nomeações de profissões da área da saúde em Libras a partir dos dados analisados. No topo da rede, encontra-se o nó semântico {PROFISSÕES}, uma categoria frequentemente expressa por compostos nessa LS (Freitas Jr. *et al.*, 2020). Logo abaixo, notamos os dois nós esquemáticos e mais abstratos. Tais esquemas atuam como moldes gerais, capazes de permitir o preenchimento de posições com diferentes elementos, representando o nível mais alto de esquematicidade e produtividade. A partir deles, ramificam-se subesquemas, padrões que, embora relativamente ainda abstratos, incorporam restrições mais específicas, como $[N + N]_{N[ESPECIALISTA]}$ e $[N + CL]_{N[ESPECIALISTA]}$, no caso das

construções com dois *slots* preenchidos, e $[N + CL + ADJ]_{N\{ESPECIALISTA\}}$ no caso daquelas com três *slots*. Esses subesquemas, de acordo com a GCBU, intermediam a relação entre o esquema e as instâncias mais idiossincráticas e lexicalizadas verificadas em nível inferior da representação.

Descendo a rede, observamos microconstruções como $[MÉDICO + S(ÁREA)]_{N\{ESPECIALISTA\}}$, $[MÉDICO + SS(ÁREA)]_{N\{ESPECIALISTA\}}$, $[PROFISSIONAL/TÉCNICO + S(ÁREA)]_{N\{ESPECIALISTA\}}$, $[MÉDICO + CL(ÁREA)]_{N\{ESPECIALISTA\}}$, $[PROFISSIONAL + CL(ÁREA)]_{N\{ESPECIALISTA\}}$ e $[TÉCNICO + CL \text{ de veículo} + RÁPIDO]_{N\{ESPECIALISTA\}}$ que apresentam tanto preenchimentos fonológicos bem delimitados quanto categorias pré-determinadas. Elas já indicam regularidades recorrentes na formação de nomes de profissões, mas ainda permitem variação nos preenchimentos lexicais, que podem ser observadas no nível do construto, isto é, no nível mais baixo, onde aparecem as unidades mais concretas, fixas e menos produtivas. As escolhas lexicais no nível do construto, inclusive, evidenciam processos cognitivos que parecem motivar a arquitetura da rede de compostos designadores de profissões na área da saúde, como, por exemplo, a relação de *construal* observada na tendência de posicionar, já no primeiro sinal do composto, a categoria profissional por meio de itens reanalisados como MÉDICO, TÉCNICO e PROFISSIONAL, o que sugere um padrão de categorização saliente.

Tal observação aponta para um processo de reanálise construcional em que o valor semântico das partes individuais tende a ser atenuado em favor da interpretação global da construção. Nesses casos, os itens deixam de funcionar plenamente como unidades referenciais autônomas e passam a operar como elementos categorizadores esquematizados, cuja contribuição semântica é fortemente modulada pelo esquema composicional que os licencia. Observa-se, assim, um deslocamento do foco interpretativo das bases isoladas para o pareamento forma-significado da construção como um todo, fenômeno que reforça a ideia de que o sentido do composto emerge da integração construcional dos constituintes. Tal perda relativa de transparência semântica das partes, concomitante à manutenção – e mesmo ao fortalecimento – do significado global da construção, constitui um indício adicional do grau de convencionalização e de esquematização alcançado por esses padrões no *constructicon*.

Considerações finais

As análises desenvolvidas neste artigo permitem afirmar que a conceptualização das categorias profissionais da área da saúde na Libras mobiliza estratégias composicionais sistemáticas, ancoradas em padrões recorrentes de organização morfológica. Longe de constituírem combinações *ad hoc*, os sinais compostos examinados revelam uma preferência clara por esquemas com dois *slots* que articulam, de modo não arbitrário, uma base categorizadora inicial e um segundo elemento

responsável pela especificação do domínio de atuação, do instrumento ou da prática profissional. Essa estratégia composicional, como inicialmente debatido em Nascimento (2025a), evidencia um modo particular de *construal*, no qual a categorização antecede a especificação, orientando a interpretação global do composto desde o primeiro constituinte e conferindo saliência cognitiva à categoria profissional evocada.

No que se refere às bases morfológicas privilegiadas nesses sinais compostos, os resultados indicam uma tendência robusta à seleção de itens que funcionam como marcadores categorizadores esquematizados, tais como MÉDICO, TÉCNICO e PROFISSIONAL, no primeiro *slot*, seguidos por um segundo elemento de natureza mais variável. Observamos que esse segundo *slot* pode ser preenchido por sinais lexicais plenos, formas soletradas ou classificadores, o que revela uma abertura categorial significativa, ainda que regulada por restrições impostas pelo esquema nominalizador. Tal distribuição não apenas aponta para regularidades internas à Libras, mas também sugere que a produtividade observada decorre de generalizações cognitivas abstraídas do uso, uma vez que a recorrência desses padrões reforça a ideia de que certas bases deixam de operar como unidades plenamente composicionais e passam a integrar construções.

Essas regularidades permitem descrever os padrões composicionais identificados como instâncias de construções morfológicas mais esquemáticas, organizadas em uma rede hierárquica de esquemas, subesquemas e microconstruções no *constructicon* da Libras. A produtividade do segundo *slot*, aliada à estabilidade funcional do primeiro, fornece evidências de que tais construções são cognitivamente compartilhadas pelos usuários da língua e armazenadas na memória enriquecida, sensível à frequência e à analogia. Nesse sentido, o significado do composto emerge do pareamento forma-significado como um todo, frequentemente à custa de uma redução da transparência semântica das partes individuais, o que sinaliza um grau avançado de esquematização e convencionalização desses padrões.

Dados os achados, ao evidenciar a produtividade e a emergência de construções morfológicas nominalizadoras, o presente trabalho reforça a pertinência da GCBU para a descrição de LS e aponta caminhos promissores para investigações futuras que considerem outros domínios semânticos, ou outras frentes de trabalhos em prol da descrição do *constructicon* da Libras.

Referências

ABREU, Walber Gonçalves; SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes. Descrição lexical histórico-comparativa de mudanças fonológicas dos sinais da língua francesa para as línguas americana e brasileira de sinais. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 55, p. 302-315, 2020.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESEL, Holger. *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*. Jena: Friedrich-Schiller-Universität Jena, 2015.

DIESEL, Holger; HILPERT, Martin. Frequency effects in grammar. In: ARONOFF, Mark (org.). *Oxford research encyclopaedia of linguistics*. New York: Oxford University Press, 2016.

DILLINGER, Mike. Forma e função na linguística. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 7, n. 1, p. 385-407, 1991.

DINIZ, Ruan Sousa. *Contato linguístico em traduções da Libras para o português escrito: análise, descrição e funcionamento do construcion multilíngue*. 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

FELIPE, Tânia Amara. Os processos de formação de palavras na Libras. *Educação Temática Digital*, v. 7, n. 2, p. 200-212, 2006.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; SELL, Fabíola Ferreira. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e em Libras. In: OLIVEIRA, Roberta Pires de; MIOTO, Carlos (org.). *Percursos em teoria da gramática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 17-41.

FILLMORE, Charles J. The mechanisms of “Construction Grammar”. In: BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY. ANNUAL MEETING, 14., 1988, Berkeley, CA. **Anais [...]**. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society, 1988. p. 35-55.

FREITAS JR., Roberto de; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; MARQUES, Priscilla Mouta; ALBERNAZ, Isabela Maria Gonçalves. Discutindo níveis de generalização na Gramática de Construções Baseada no Uso: a rede construcional [(X) Chegar SN]Foc no PB. *Gragoatá*, v. 27, p. 20-51, 2022.

FREITAS JR., Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; DINIZ, Ruan Sousa. Mudanças graduais e abruptas: reflexões sobre sinais soletrados e compostos da Libras em uma abordagem construcional baseada no uso. *Revista Linguística*, v. 16, p. 146-169, 2020.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LEPIC, Ryan; OCCHINO, Corrine. A construction morphology approach to sign language analysis. In: BOOIJ, Geert (org.). *The construction of words: advances in construction morphology*. Cham: Springer, 2018. p. 141-172.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. *Padrões de composição emergentes em línguas de sinais: uma análise comparativa em perspectiva construcional*. 2025a. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Morfologia e modalidade: questões sobre línguas de sinais. In: WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Manuela (org.). *Gramática de construções e interfaces linguísticas*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2025b. v. 1, p. 183-232.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; FREITAS JR., Roberto de. Compostos em Libras: uma análise construcional. In: VELOZO, Naiara de Almeida; BERNARDO, Sandra; NUNES, Valéria Fernandes (org.). *Linguagem, cognição e sociedade: interlocuções em Linguística Cognitiva*. São Paulo: Pontes, 2023. v. 1, p. 351-376.

PINHEIRO, Diogo. *Curso básico de gramática de construções*. São Paulo: Contexto, 2025.

PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires de; SILVA, Augusto Soares da; FREITAS JR., Roberto de. Gramática de construções baseada no uso. *Soletras*, n. 45, p. 1-15, 2023.

PINHEIRO, Diogo; ALONSO, Karen Sampaio Braga. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Revista Linguística*, v. 14, n. 1, p. 6-29, 2018.

TAKAHIRA, A. G. R. Questões sobre compostos e morfologia da Libras. *Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 1, p. 262-276, 2012.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes. A formação de compostos na Libras. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 18., 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WILKINSON, Erin; LEPIC, Ryan; HOU, Lynn. Usage-based grammar: multi-word expressions in American Sign Language. In: JANZEN, Terry; SHAFFER, Barbara (org.). *Signed language and gesture research in cognitive linguistics*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2023. p. 357-388.

Emergence and Productivity of Morphological Constructions in the Constructicon of Brazilian Sign Language

ABSTRACT:

In this article, we investigate, based on usage data, formal and semantic aspects involved in the compounding of signs in Brazilian Sign Language (Libras). The aim is to discuss the cognitive representations underlying these uses and their organization within the language's constructicon. To this end, we adopt Usage-Based Construction Grammar (Goldberg, 2006, 2019; Croft, 2001; Hilpert, 2014) as our main theoretical framework, starting from the hypothesis that compound signs can be understood as conventionalized form-meaning pairings distributed along a continuum between morphology and syntax (Nascimento, 2025b). In order to test and refine this hypothesis, we analyze a sample of compound signs in Libras collected from the Spread The Sign Web Dictionary, which provides evidence for the emergence of nominalizing constructional schemas. The data were subjected to a qualitative-quantitative analysis, considering the morphological category of the constituent bases, their degree of distributive independence, constituent order, and the conceptual structure evoked by the constructions, as well as the role of the coercive force of nominalizing schemas on the instantiated forms. The results indicate that compounding in Libras is organized around partially schematized usage and frequency-sensitive patterns that reveal both formal constraints and semantic-conceptual regularities, thereby contributing to an understanding of the Libras constructicon as a dynamic, gradient, and emergent system.

KEYWORDS: Compounds. Brazilian Sign Language. Usage-Based Construction Grammar.